



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

Amanda Macêdo de Almeida

**O ENSINO REMOTO NO PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID 19:
REFLEXÕES A PARTIR DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS**

ARAGUAÍNA-TO

2023

Amanda Macêdo de Almeida

**O ENSINO REMOTO NO PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID 19:
REFLEXÕES A PARTIR DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS**

Monografia apresentada à UFNT –
Universidade Federal do Norte do
Tocantins – Campus Universitário de
Araguaína para a obtenção de título de
Graduação em Letras, sob orientação da
Prof. (a) Dr^a. Cristiane Silva de Almeida.

ARAGUAÍNA- TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A447e Almeida, Amanda Macêdo de.

Ensino remoto no período da pandemia do covid 19: reflexões a partir do curso de letras da Universidade Federal do Norte do Tocantins . / Amanda Macêdo de Almeida. – Araguaína, TO, 2023.

43 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2023.

Orientadora : Cristiane Silva de Almeida

1. Educação e tecnologia . 2. Ensino remoto . 3. Ensino - aprendizagem . 4. Professores . I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AMANDA MACÊDO DE ALMEIDA

**O ENSINO REMOTO NO PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID 19:
REFLEXÕES A PARTIR DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFNT –
Universidade Federal do Norte do Tocantins –
Campus Universitário de Araguaína, Curso de
Licenciatura em Letras, para obtenção do título
de Graduação em Letras e aprovada em sua
forma final pela Orientadora e pela Banca
Examinadora.

Data da Aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Cristiane Silva de Almeida, UFNT
Orientadora

Prof. Dr. Wallace Rodrigues, UFNT
Examinador

Prof.^a Dr.^a Esmeralda Figueira Queiroz, UFNT
Examinadora

Araguaína / 2023

Dedico este trabalho aos meus pais, Creudiléia e José, ao meu esposo Luciano, que, desde que conheci, foi um dos maiores apoiadores dos meus estudos, agindo sempre com paciência e me ajudando nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por ter me dado forças e paciência para chegar até aqui.

A Prof. Dr.^a Cristiane Silva de Almeida pela orientação, com toda sua paciência e gentileza que me orientou nesse processo tão difícil.

A minha família que esteve sempre do meu lado, me apoiando e me fortificando para ir atrás das minhas conquistas.

Aos meus colegas da Universidade que sempre estiveram ao meu lado, em especial, as minhas amigas Talita, Maria Sirlei, Maria Eduarda e meu amigo Denílson.

A Prof. Dr.^a Elizabete Barros de Sousa Lima, que nos últimos dias tem me ajudado bastante e por se dedicar tanto a seu papel de professora.

A meu esposo Luciano que está diariamente me apoiado e me levantado nos dias difíceis.

Agradeço a todos os meus amigos, professores, que, diretamente ou indiretamente, me ajudaram na minha jornada.

RESUMO

Ao longo do curso de Letras, na Universidade Federal do Norte do Tocantins, em algumas disciplinas, como Didática e TICs, surgiu o interesse de pesquisar as dificuldades encontradas na utilização de meios tecnológicos no processo ensino - aprendizagem. Com o advento da pandemia do COVID 19, iniciada em 2020, vivenciamos a experiência do ensino remoto emergencial, que apresentou desafios consideráveis aos alunos e professores, mediante a nova configuração social e educacional, desencadeada pela pandemia. Com isso, a questão central de nossa pesquisa consistiu em: O ensino remoto, durante a pandemia da covid 19, interferiu na qualidade do processo de ensino - aprendizagem dos alunos de Letras da UFNT? Para tanto, o objetivo principal deste estudo, foi analisar os principais desafios do processo ensino - aprendizagem, durante as aulas remotas, com a utilização das tecnologias. A metodologia utilizada foi predominantemente qualitativa, com o objetivo de analisar, de forma crítico - reflexiva, a realização do processo ensino - aprendizagem no curso de Letras da UFNT, durante as aulas remotas. Neste sentido, autores como Kenski (1996), Moran (1995), Garcia (2020), Lima (2020), Pimenta e Lima (2006), contribuíram de forma significativa para nossas análises. A partir da pesquisa e estudos realizados, constatamos que o uso da tecnologia atrelada ao ensino, tornou-se fundamental ao desenvolvimento do processo de ensino - aprendizagem dos alunos, no Curso de Letras da Universidade, os alunos encontraram muitas barreiras, visto à pouca experiência com a utilização de recursos tecnológicos no processo de aprendizagem, dificuldade de acesso à tecnologia e internet, bem como aos desafios de manter - se estimulado a dinâmica das aulas, tendo em vista a própria metodologia de ensino, utilizada em determinados momentos.

Palavras-chave: Educação e tecnologia; Ensino Remoto Emergencial.

ABSTRACT

During the Portuguese Language course at the Federal University of North Tocantins, in some disciplines, such as Didactics and ICTs, interest arose in researching the difficulties encountered in the use of technological methods in the teaching-learning process. With the advent of the COVID 19 pandemic, which started in 2020, we experienced the emergency remote teaching, which presented considerable challenges to students and professors, through the new social and educational contour, triggered by the pandemic. As this, the central question of our research consisted of Remote teaching, during the covid 19 pandemic, interfered in the quality of the teaching-learning process of the UFNT Literature students. Therefore, the main objective of this study sought to analyze the main challenges of the teaching-learning process, during the remote classes, with the use of technologies. The methodology used was predominantly qualitative, with the objective of analyzing, in a critical and reflexive way, the realization of the teaching-learning process, in the Portuguese language course at UFNT, during remote classes. In this regard, authors such as Kenski (1996) and Moran (1995), Rondine; Garcia (2020), Lima (2020), Pimenta e Lima (2006), contributed significantly to our analyses. Based on research and studies executed, we found that the use of technology linked to teaching, became fundamental to the development of the students' teaching-learning process in the Portuguese Language Course at the University, but that it encountered many barriers such as little experience with the use of technological resources in the process of learning, difficulty accessing technology and the internet due to financial conditions, as well as the challenges of keeping the dynamics of the classes stimulated, as like the teaching methodology itself, used at certain times.

Keywords: Education and technology; Emergency Remote Teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO	12
3 ENSINO REMOTO EMERGENCIAL	16
3.1 ENSINO REMOTO NA UNIVERSIDADE	23
3.2 PROFESSORES FRENTE AOS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO	25
3.3 ENSINO REMOTO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6 REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

Desde o início dos anos de 2020, o mundo viveu, e ainda vive, um momento de grande impacto social: a pandemia do Corona vírus Covid19. Nesse período, os cidadãos tiveram que enfrentar o isolamento social, a falta de contato com o outro, prejudicando as relações sociais, bem como a educação. Partindo disso, surgiu o interesse em pensar os impactos que esse momento histórico causou para os estudantes, em especial para os alunos do curso de Letras da Universidade Federal do Norte do Tocantins, visto a ausência de aulas presenciais e os novos recursos e metodologias de ensino, utilizados no processo de formação acadêmica, por meio das aulas remotas. Por se tratar de um momento extremamente complicado, em que as maneiras de se ensinar e aprender foram totalmente modificadas, as tecnologias contribuíram para que pudéssemos repensar as configurações da sala de aula, mas sabendo que muitos estudantes se viram prejudicados, por não saberem utilizar as tecnologias, conforme as novas exigências, problema este que também foi vivenciado pelos educadores.

Não podemos negar que, nos últimos anos, as mudanças tecnológicas revolucionaram o modo de vida do homem, pois muitas burocracias podem ser resolvidas no conforto do lar, dando alguns cliques no celular. Assim, algo muito cansativo, como ir a uma agência bancária ou pagar a conta de luz, nunca foi tão simples. Com a globalização, os setores de negócio foram se atualizando, desde a indústria até a agricultura, e a tendência é continuar evoluindo. Bauman (1999), ressalta que a “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível é também um processo que afeta diretamente a sociedade nos diversos seguimentos da vida.

Estamos, todos, sendo “globalizados” e isso não significa o mesmo para todos, uma vez que nem todos, conseguem acessar e ou desfrutar de forma igualitária dos recursos, possibilidades, conhecimentos, tecnologias, etc, proporcionados pela globalização. Partindo do pensamento de Bauman (1999), podemos afirmar que a globalização é realmente um processo irremediável, mas, ao se pensar a maneira que o autor propõe, que afeta a todos da mesma maneira, vemos muitas contradições, até porque, quando não temos o devido acesso a algo que todos têm, o processo pode nos afetar negativamente, privando-nos de informações, de conforto e de muitas outras facilidades que proporcionam a determinada camada social, tornando-se fermenta de exclusão que contribui para as desigualdades.

Observando esse lastimoso contexto, vale destacar que o campo da educação é o espelho da política brasileira, pois a corrupção e a decadência da política acabam destinando às escolas escassos recursos, impossibilitando a criação de mecanismos que tornem o espaço escolar um lugar para melhor se aprender. Percebe-se que não são criadas políticas públicas necessárias para que as tecnologias sejam utilizadas de maneira satisfatória, podendo aflorar a criatividade dos alunos e professores, trazendo-lhes novas perspectivas e aprendizagens, que contribuam para seus processos formativos e demais vivências sociais.

Diante disso, notamos que a pandemia do Corona vírus chegou para potencializar as fraquezas das instituições de ensino, que se estende tanto aos alunos como professores. Com isso, enxergamos como o acesso à tecnologia em nosso país é desigual, principalmente para pessoas que estão à margem da sociedade, uma vez que essas são as mais afetadas por não disporem de recursos necessários à aquisição de equipamentos, acesso à internet de qualidade, entre outros fatores que afetam, seja de forma direta ou indireta, a aprendizagem.

Partindo desse entendimento, o presente estudo buscou responder o seguinte problema de pesquisa: O ensino remoto, durante a pandemia da Covid 19, interferiu na qualidade do processo de ensino - aprendizagem dos alunos de Letras da UFNT?

Diante dessas considerações, temos como objetivo principal: analisar os principais desafios do processo ensino aprendizagem, durante as aulas remotas, com a utilização das tecnologias. Como objetivos específicos buscamos: verificar como se deu o desenvolvimento da prática dos professores, mediante as dificuldades de acesso e utilização dos recursos tecnológicos, e identificar como o acesso à tecnologia ocorreu para as diferentes classes sociais, presentes no curso. A metodologia usada nesta pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico, ou seja, daremos importância a qualidade das informações obtidas, ao invés de priorizarmos números ou quantidade.

Nossa intenção é refletirmos como se deu o processo ensino e aprendizagem, durante o período de ensino remoto, tendo como foco de análise a utilização dos recursos tecnológicos. Acreditamos que a presente pesquisa pode contribuir para que outras pessoas sintam-se motivadas à estudarem e analisarem como se deu o processo de ensino remoto, mediante a pandemia do COVID 19, que ainda encontra-se em vigor, apenas em menor proporção do que em outros momentos, e com isso, favorecermos à novas

reflexões sobre importância da utilização das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem.

2. TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Ao falar-se em tecnologia, imagina-se máquinas inteligentes, computadores, televisão, celulares, entre outras ferramentas de acesso mais visível aos olhos e de uso imediato. Por sua vez, é muito mais que isso, as tecnologias estão presentes em vários setores da sociedade, desde as escolas a hospitais. Fazer compras pela internet, ler um livro por meio de um aparelho digital, realizar conversas pelas redes sociais, são hábitos comuns na sociedade da informação. Araújo e Vilaça (2016).

. Hoje, temos computadores, celulares e outras infinitas formas de nos comunicarmos; Há pouco tempo, comunicávamos via cartas, telégrafos, e, em cada época, foi uma inovação tecnológica enorme, por isso podemos afirmar que, a cada tempo, a tecnologia se reinventa para suprir as necessidades de sua época ou de dias futuros. Assim,

A Sociedade da Informação estrutura-se, em primeiro lugar, a partir de um contexto de aceitação global, na qual o desenvolvimento tecnológico reconfigurou o modo de ser, agir, se relacionar e existir dos indivíduos e, principalmente, propôs os modelos comunicacionais vigentes. Não se pode separar a informação da tecnologia, algo que vem sendo remodelado e institucionalizado com os avanços na área do conhecimento e das técnicas. (KOHN E MORAES 2007, p.2,3)

Portanto, é fato que as tecnologias de informação têm grande aceitação social, pois fazem parte do universo de desenvolvimento humano. Com ela, podemos ter ligações de vídeo com pessoas a quilômetros de distância, e não só esse tipo de tecnologia, mas várias outras mudaram o nosso modo de viver, já que todos os nossos relacionamentos e comportamentos, muitas vezes, são pautados pela tecnologia.

Para Araújo e Vilaça (2016), utilizar as tecnologias de informação e comunicação (TIC) auxilia nas práticas educacionais, na maneira em que os seres humanos se comunicam. Entre outros, essas tecnologias permitem preparar as pessoas para conviver em uma sociedade mais globalizada. Desta forma, observamos que se torna necessário buscarmos inovações tecnológicas que cooperem com os nossos hábitos do dia a dia, já que, os conhecimentos tradicionais estão se tornando incapazes de suprir as necessidades da realidade em que nos encontramos.

Apesar das tecnologia sofrer mudanças significativas diariamente, o ensino básico, em sua maioria, é um tanto tradicional. Isso se dá por diversos fatores, por exemplo, onde a escola está inserida, se ela tem os recursos suficientes para os alunos e professores terem acesso às ferramentas tecnológicas, se o corpo docente foi qualificado para conseguir ensinar novas formas de atividades, aos alunos, entre outros. Logo, inúmeros são os motivos, mas algo que não podemos é negar que a tecnologia no século XXI está presente na vida da grande maioria das pessoas, na maior parte dos espaços.

Carece dizer, também, que essas dificuldades percorrem o ensino superior, local em que os educadores são formados. Constata-se, dessa forma, que a fragilidade se inicia na formação docente, pois não se criou, mesmo inseridos no mundo tecnológico, ferramentas necessárias para melhor habilitar seu ensino. Mais uma vez, faz-se necessário analisar o descaso das políticas públicas, voltadas à educação, posto que ainda não houve a preocupação em sanar essas adversidades.

Para Leite e Ribeiro (2012), a utilização de ferramentas midiáticas pode contribuir para criar novos modelos de aprendizagem, buscando uma inovação para melhorar a forma de se ensinar. Por isso, é importante, destacarmos a importância das mídias dentro da educação, seja ela restaurando os modelos de ensino, ou atuando junto na melhoria do que já está funcionando.

Não podemos deixar de ressaltar que o público estudantil contemporâneo está imerso nas tecnologias. Entendendo que a educação é reflexo da prática social do sujeito. Sua presença desperta o interesse dos educandos, levando-os a articularem ao seu dia a dia. Conforme Leite e Ribeiro (2012, p. 175):

Para a inclusão dessas tecnologias na educação, de forma positiva, é necessária a união de multifatores, dentre os quais, pode-se destacar como mais importantes: o domínio do professor sobre as tecnologias existentes e sua utilização na prática, e isso passa, necessariamente, por uma boa formação acadêmica; que a escola seja dotada de uma boa estrutura física e material, que possibilite a utilização dessas tecnologias durante as aulas; que os governos invistam em capacitação, para que o professor possa atualizar-se frente às mudanças e aos avanços tecnológicos; que o professor se mantenha motivado para aprender e inovar em sua prática pedagógica; que os currículos escolares possam integrar a utilização das novas tecnologias aos blocos de conteúdo das diversas disciplinas; dentre outros.

Portanto, a capacidade de o professor utilizar as novas tecnologias é de suma importância para que possamos criar novos meios de dar aula, já que muitas vezes os ensinamentos tradicionais não possibilitam o melhor aprendizado aos alunos, no sentido de

favorecer a maior participação e aproveitamento da aprendizagem, sobretudo pelo fato de as tecnologias estarem tão presentes no cotidiano dos alunos, na sociedade contemporânea.

A utilização das inovações na prática educativa pode contribuir para um maior dinamismo no processo de ensino aprendizagem, por isso a importância das tecnologias serem devidamente trabalhadas nos cursos de formação dos professores, tendo em vista tratar-se de um importante recurso pedagógico à prática pedagógica desses profissionais. Daí a necessidade de que, durante a formação acadêmica, os professores tenham acesso às múltiplas formas de como ensinar e aprender, considerando, sobretudo, a utilização dos meios tecnológicos, o que, por sua vez, irá requerer um processo contínuo de aprimoramento e qualificação desses profissionais para não apenas inserirem recursos e tecnologias em suas salas de aula, mas que, fundamentalmente, consigam utilizá-las para a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem.

São muitas as dificuldades encontradas no percurso de encontrar formas em que a tecnologia se una à educação criando estratégias que funcionem diante das inúmeras ferramentas. Dessa forma, não só os professores, escola e universidades devem procurar alternativas para que, em tempos tecnológicos, a educação tenha lugar. Juntamente com a sociedade e o Estado, devem criar estratégias para que a educação e a tecnologia andem lado a lado, a fim de garantir uma educação de qualidade para todo sujeito. Para tanto, torna-se imprescindível que o poder público tome iniciativas válidas para tornar a educação brasileira mais conectada, podendo fazer parte das mudanças tecnológicas que observamos dia após dia.

Em um mundo em que a tecnologia faz parte da vida da grande maioria das pessoas, torna-se inevitável a sua utilização. De acordo com Moran (1995, p.2), “É possível criar usos múltiplos e diferenciados para as tecnologias. Nisso está o seu encantamento, o seu poder de sedução”. Como podemos observar, a tecnologia exerce grande atração, podendo estar em vários contextos e com inúmeras possibilidades. Moran (IDEM), ainda acrescenta que “[...] há um novo re-encantamento pelas tecnologias porque participamos de uma interação muito mais intensa entre o real e o virtual”, portanto, sem dúvida o modo como se vê a tecnologia atualmente está modificando o modo como cada sujeito vive.

A preocupação em educação na atualidade é o de formar o cidadão brasileiro que também possa ser um “cidadão do mundo”, e não apenas “preparar o trabalhador ou o consumidor das novas tecnologias”. Isto significa a definição

de programas e projetos que possam fazer uso das novas tecnologias para capacitar as pessoas para a tomada de decisões e para a escolha informada acerca de todos os aspectos na vida em sociedade: político, social, econômico, educacional... Para isto, faz-se necessário o acesso à informação e ao conhecimento e capacidade de processá-los judiciosamente. (KENKI, 2002. P. 11)

Como podemos observar nas palavras de Kenski, a preocupação em relação à implementação das tecnologias no espaço educacional não é focada em formar um cidadão que não apenas trabalhe com ela ou a consuma, mas sim, tornar esse cidadão uma pessoa atenta às mudanças, e seja uma pessoa informada, tendo assim capacidade para tomar decisões importantes dentro dessa contemporaneidade, não ficando às margens desse emaranhado de informações, ou à mercê da alienação, imposta pelos diferentes “veículos” dominantes, na sociedade

O modo como é organizada uma sala de aula tradicional, muitas vezes, não dá espaço para a inovação. Os alunos precisam ser instigados, e, em muitos contextos, a sala de aula não dá lugar para uma maior interação dos alunos, o que muitas vezes não depende do professor somente, pois, na verdade, é necessário que haja o investimento não apenas na compra de equipamentos modernos, por sua vez necessários, mas na formação dos profissionais e na adequação dos espaços. O atual contexto, portanto, torna-se bastante favorável para se pensar estratégias que tornem a educação brasileira um espaço moderno, que instigue a criatividade dos alunos e dê ao professor a alegria de fazer parte de um espaço onde os mecanismos ensinados funcionem de forma prática e mais atrativa aos interesses e necessidades dos sujeitos envolvidos. Muitas vezes, não são aproveitadas as inúmeras ferramentas tecnológicas disponíveis para se construir uma sala de aula inovadora, o que pode ser por medo de começar algo novo, ou até a falta de verba ou de interesse das instituições em reconstruir o modelo de sala de aula, além da falta de formação docente para tal utilização. Kenski (1996), afirma que quando se utiliza com frequência os equipamentos eletrônicos, faz-se uma grande mudança nas formas de leitura e escrita, atualmente. Talvez seja esse o ponto fraco das instituições em relação a não utilização das tecnologias, por não estarem preparadas para grandes mudanças.

No que tange ao contexto das aulas remotas, durante o período crítico da pandemia do COVID 19, percebemos que muitos alunos vivenciaram uma realidade bastante adversa em suas aprendizagens, isto porque as formas de contato humano foram reconfiguradas, encontros, reuniões de trabalho, aulas, contato com familiares e amigos

se deram, em sua grande maioria, por meio das tecnologias, e como era de se esperar, a sala de aula também ganhou um novo espaço.

O que talvez antes poderia ser um cenário inimaginável, para quem trabalha com educação, no contexto da pandemia, o ensino remoto tornou-se uma das poucas alternativas para a realização do processo ensino aprendizagem, sendo, portanto, necessário não apenas a compreensão, por parte dos sujeitos envolvidos, mas a utilização adequada dos recursos tecnológicos.

Na seção seguinte, refletimos sobre a forma de ensino implementada durante a pandemia do COVID 19, buscando identificar, sobretudo, as principais características, dificuldades e impactos no processo de ensino - aprendizagem.

3. ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde- OPAS, no início de 2020, teve início um surto do novo vírus, altamente contagioso, que havia se alastrado pela China e que, em um curto intervalo de tempo, atingiu de forma devastadora, diversos países do mundo. Em 11 de março de 2020, foi declarado que estávamos em uma pandemia, já que o vírus denominado covid-19 se espalhou não só pela China, mas para o mundo todo. Conforme o Site Bio-Manguinhos/Fiocruz (2021), uma pandemia é declarada, quando ocorre a disseminação mundial de uma determinada doença de pessoa para pessoa, que vai se espalhando rapidamente, surgindo de uma epidemia, e se espalha não apenas em uma região, mas por toda parte.

O Ministério da Saúde (2021), descreve a Covid-19 como uma doença infecciosa causada pelo corona vírus SARS-CoV-2, síndrome respiratória aguda grave, é um vírus altamente contagioso, que pode se espalhar facilmente por gotículas de saliva, que são encontradas por toda parte. Portanto, a coisa mais importante para diminuir a propagação é a boa higiene e, além de tudo, o isolamento social, principalmente para pessoas do grupo de risco, que de acordo com o Ministério da Saúde, são pessoas de 60 anos ou mais, fumantes, gestantes e quem possui algum tipo de comorbidades.

O site Brasil Escola (2020), denomina o isolamento social é o ato de separar ou dividir um determinado grupo, e, devido a rápida contaminação do vírus, em março de 2020, foi decretado isolamento social para alguns setores, onde a movimentação de pessoas era mais intensa.

De acordo com o portal de notícias da Globo G1, cerca de 696.785 brasileiros perderam a vida em decorrência da doença, essas pessoas eram pais, filhos, irmãos, cônjuge, amigo, eram pessoas importantes para alguém, apesar das pessoas do grupo de risco, percebemos que essa doença não escolhe idade, gênero e muito menos conta bancária, apesar de os menos favorecidos sofrerem mais.

Como as escolas e universidades são espaços onde se recebem inúmeras pessoas todos os dias, as aulas presenciais foram suspensas no Brasil. Devido esses acontecimentos, o Ministério da Educação decretou em 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, que as aulas presenciais seriam substituídas por aulas com ferramentas digitais, com o objetivo de que os alunos não tivessem seus estudos comprometidos, assim, surgiu o ensino remoto emergencial.

O ensino remoto emergencial, até como o próprio nome mostra, é um processo de emergência para que o ensino não parasse diante de uma adversidade ocasionada pela Covid-19; nesse período, o uso de ferramentas digitais se mostrou imprescindível para dar continuidade às aulas. A citação abaixo destaca como a pandemia mudou nosso modo de vida e principalmente no que diz respeito à educação.

A pandemia da Covid-19 trouxe inúmeras modificações em nosso cotidiano, por conta das medidas sanitárias e de distanciamento social. Um dos setores mais afetados foi o educacional, de modo que as atividades pedagógicas presenciais foram suspensas e os órgãos reguladores nacionais indicaram a continuidade do semestre letivo, por meio de atividades remotas. (RONDINI, PEDRO, DUARTE. 2020 p. 43).

Como foi perceptível nas falas dos autores acima, o cenário pandêmico modificou o dia a dia da sociedade, afetando, de forma significativa, o setor educacional, tanto que foi preciso suspender as aulas presenciais, aderindo ao ensino remoto como uma alternativa que melhor se adequasse para o dado momento, com o intuito de os alunos não sofrerem perdas tão severas na sua educação.

Para Garcia et al (2020), o ensino remoto não é igual ao ensino a distância, pois, mesmo sendo digital, ele permite o uso de plataformas que já são disponibilizadas para outros fins. Por sua vez, mesmo continuando de forma remota, nem todos os problemas estavam resolvidos, uma vez que cada nova modalidade era um novo desafio. Assim, com a crise sanitária da Covid 19, as aulas não presenciais ganharam espaço para que o ensino não parasse, até porque não tínhamos como saber quanto tempo duraria esse período crítico, tornando-se um desafio enorme, tanto para os alunos como para os professores.

A sala de aula perdeu quadro branco, mesas e cadeiras disponibilizadas presencialmente para ganhar ferramentas-salas digitais, tais como Google Meet, Zoom, Microsoft Teams, Skype, entre outros. Na percepção de muitos, as aulas presenciais foram substituídas por uma tela fria de computador ou de um smartphone, sem o calor humano que a sociabilidade presencial proporciona. (VASCONCELOS e ESTIGARRADA 2021 p. 3)

A sala de aula mudou de forma expressiva, mas a vontade de aprender e de ensinar não parou no tempo, as ferramentas digitais citadas por Vasconcelos e Estigarrada (2021), contribuíram no processo de ensino - aprendizagem, apesar dos desafios encontrados na sua utilização. De acordo com Garcia et al (2020), o ensino remoto pode acontecer de duas formas: síncrona, que acontece em tempo real no mesmo dia e horário que as presenciais e com a interação do professor.

Outro modelo foram as de aulas assíncronas, que acontece em tempos diferentes, ou seja, é como se fosse um vídeo gravado no youtube, por exemplo, e os alunos tivessem um tempo para assistir. Mesmo com essas inúmeras ferramentas, podemos imaginar que alguns problemas estariam resolvidos, mas essas ferramentas não bastam existir, elas devem funcionar com qualidade para que o ensino possa atingir seus objetivos. O modo como se pensava o ensino e aprendizagem foi mudado, ao que alunos e professores tiveram que se adaptar a esse novo modelo de forma conjunta, visto que não tem como começar algo novo sem antes ter um estranhamento até que tudo possa fluir.

Com o ensino remoto, a forma como se pensava a educação foi totalmente reconstruída, logo, um espaço mais amplo para a tecnologia no ambiente escolar, foi construído.

O ineditismo deste evento não nos permite tecer considerações a curto ou médio prazo sobre como será o mundo e as múltiplas relações que a humanidade construiu. Não se trata, a meu ver, de considerar o elemento do isolamento social como implicador do modo de ver o mundo futuramente. O isolamento social promoveu transformações econômicas severas imediatas, com a parada obrigatória de inúmeros setores, modificou nossa relação com a arte, devido à ausência do compartilhamento presencial de experiências de fruição e, no caso da educação, promove desconstruções sob a forma como o ensino e a aprendizagem são vistos socialmente. (ARRUDA, 2020, p. 258)

Arruda (2020), mostra que estudos acerca do ensino remoto devem ocorrer a longo prazo, pois tudo que foi mudado afetou a maneira como estamos vivendo agora, e como viveremos no futuro. O comércio mudou, a vida mudou, e, conseqüentemente, o ensino também teve que sofrer alterações, ou teriam que congela-lo, algo que é totalmente

fora de cogitação, já que o ensino é o que nos transforma positivamente para criarmos um espaço igualitário. Gerando mudanças tanto na educação como também em diversas outras áreas, já que quanto mais indivíduos tiverem acesso à formação, mais pessoas qualificadas, assumirão diversos cargos na sociedade.

Por mais desconhecida que fosse, esta foi a solução mais plausível encontrada para que a educação não parasse. A sala de aula estava na distância de um clique, alunos e professores tiveram que fazer uma nova adaptação com o novo formato. De certa forma, é como se tivessem começado do zero, pois aparentava-se que alguns estavam sendo alfabetizados novamente, só que, dessa vez, estavam diante de algo em que muitos tinham uma familiaridade, bastava agora saber utilizar cada ferramenta de acordo com cada finalidade.

Os desafios que a educação brasileira tem enfrentado, no contexto da crise, envolvem fatores que não estão relacionados apenas à questão dos conteúdos programáticos ou aos critérios e à metodologia do processo avaliativo, pois englobam questões sociais, familiares e econômicas dos estudantes. (RONDINI, PEDRO, DUARTE, 2020, p.54).

Existem inúmeras falhas no que diz respeito à educação. O ensino remoto surgiu e mostrou como o acesso à educação é desigual. No plano teórico, todo indivíduo tem direito ao acesso à internet, mas, na prática, é totalmente diferente, desde muito tempo as questões sobre o acesso à internet permeiam o campo educacional, mas muitos órgãos só viram o valor de se ter acesso à internet devido à crise pandêmica, por aparecer de forma repentina, muitas famílias não tinham a estrutura necessária para mediar os alunos ao ensino online, a falta de internet dificultou de forma significativa o acesso de muitos alunos às aulas, principalmente os alunos de baixa renda.

Dentre os estudos e análises necessários, pode-se considerar a dimensão da equidade no acesso às tecnologias digitais, de maneira a permitir que todos os alunos possam desenvolver atividades pedagógicas de forma remota, sem prejuízos de acesso em comparação com os demais colegas. (ARRUDA 2020, p. 268)

Como podemos observar nas palavras de Arruda (2020), é realmente necessária a discussão acerca da equidade em relação aos discentes, ao ensino remoto, a fim de diminuir os prejuízos aos menos favorecidos. Por isso a importância de buscar analisar os percalços de cada aluno quanto a dificuldade do seu acesso às aulas em formato digital.

Apesar da escassez de dados que possam ilustrar com precisão os impactos que a ausência ou limitação de políticas públicas podem acarretar no processo de aprendizagem, em decorrência de um ineditismo e curto período de implementação do ensino remoto, acredita-se que sua falta pode acentuar possíveis desigualdades sociais e gerar disparidade na geração de um ambiente favorável ao processo de aprendizagem. (SILVA, LIMA, 2022. p. 239)

Como podemos observar, Silva e Lima (2022), nos diz a ausência de dados que ilustrem a falta ou a limitação das políticas públicas podem trazer resultados negativos, principalmente em um período inédito como o ensino remoto, comprometendo uma melhor análise para o aperfeiçoamento da nova modalidade, por não saber lidar com o que aconteceria, em decorrência dessa falta de atenção a respeito de políticas eficazes na educação, o que traz inúmeras desigualdades pelas falta desses levantamentos, por exemplo, se as famílias, o professores, alunos, todos que fazem parte da educação estivessem preparadas para esses novos métodos.

Muitos desafios surgiram com as aulas online, as vezes as aulas eram bastante massivas, e ficar em frente a uma tela por horas fazia com que a fadiga dificultasse o aprendizado, daí a importância das aulas interativas, para que o tempo em frente à tela fosse otimizado. Foi possível perceber, com base em nossas experiências nas aulas remotas, a necessidade de os professores instigarem a participação dos alunos nas aulas, pois, muitas vezes, aqueles alunos mais tímidos tinham dificuldade em abrir o microfone e falar sobre o seu entendimento acerca dos conteúdos estudados, o que em alguns casos, dificultava o melhor aprendizado dos mesmos.

Em uma análise mais crítica acerca dessa questão, Souza e Miranda (2020) destacam que muitos alunos mantêm a câmera desligada com a justificativa de melhorar a internet e acabam não assistindo a aula. Trata-se de uma realidade complexa, pois se por um lado notamos a dificuldade de alguns em acompanhar o desenvolvimento das aulas remotas, por outro, também é possível perceber a falta de interesse, de outros, em efetivamente, fazer parte do processo.

Para Souza e Miranda (2020, p. 84) “O ensino remoto, evidenciou também as desigualdades sociais”. Por vezes, pudemos observar que os colegas, de sala de aula, não conseguiam acompanhar o ritmo dos conteúdos, de acordo com o novo modelo de aulas, e acabavam ficando à margem do processo, sobretudo, os alunos trabalhadores e que já possuíam família, isto é, filhos e demais responsabilidades. Como acadêmica de Letras, da UFNT, Campus de Araguaína, pude perceber o quão complexo foi esse momento, pois o que para alguns parecia ser fácil, por estarem na comodidade de seus lares e na companhia de seus familiares, para outros, tornou-se um verdadeiro transtorno, por não disporem, sequer, de um espaço adequado para assistirem as aulas. Assim, foi possível

percebermos que, por estarem em suas casas, alguns alunos e também os professores não tinham um lugar específico para assistirem as aulas e para ministrarem as mesmas.

Além do que foi citado anteriormente, a seguir citaremos alguns outros motivos que geraram desinteresse e desmotivação de levar a diante a formação no período remoto, como por exemplo o que diz respeito a estrutura e conexão dos alunos durante as aulas.

Para Silva e Lima (2022, p.335).

No que diz respeito ao cansaço, falta de motivação ou desinteresse nesse período, é possível fazer uma conexão com todas as problemáticas mencionadas até o momento: o desinteresse pode partir da falta de transparência da universidade/faculdade sobre o plano de curso, da falta de estrutura física e conexão instável com a internet, da falta de canais de comunicação efetivos, dentre outros fatores, caracterizando-se como um elemento que perpassa a todos os cenários citados. Existe um fator, porém, que pode vir a minimizar a apatia e a rejeição a esse novo formato: o acolhimento psicológico. (SILVA, LIMA, 2022. p.335)

Como podemos observar, apesar de todas as dificuldades mencionadas pelas autoras, ainda tem o fator psicológico, já que é praticamente impossível ter um bom aproveitamento no processo de aprendizagem se não tivermos saúde psicológica, e vivendo uma pandemia é mais do que compreensível que tanto os alunos quanto os professores ainda estão enfrentando momentos difíceis, uma vez que muitos perderam seus familiares, adoeceram e ainda lidam com sequelas causados pelo vírus da COVID-19. A esse respeito, Silva e Lima (2022, p. 335), ressaltam:

Para além de todas as dificuldades vivenciadas nesse período, é importante destacar que a pandemia de COVID-19 ocasionou muitas perdas de entes queridos e impossibilitou a interação social durante um momento doloroso. Nesse sentido, as instituições de Ensino possuem o papel fundamental de demonstrar empatia ao estado de luto e vulnerabilidade de toda a comunidade acadêmica.

Observando a fala das autoras, podemos perceber que as mortes pela doença também influenciaram no andamento das aulas, gerando dificuldades tanto para os professores como para os alunos que, em meio ao luto, procuravam forças para dar continuidade às suas atividades diárias, como tarefas domésticas, cuidar de filhos ou de algum dependente etc.

No caso específico do Curso de Letras, Campus Araguaína, também foi possível identificarmos, com muita frequência, a reincidência de casos da COVID, tanto em alunos quanto em professores, o que, em nossa análise, também contribuiu para que o abalo

psicológico desses sujeitos continue afetados, gerando implicações diretas e indiretas ao processo ensino - aprendizagem.

Dessa forma, percebemos o quão desafiador tornou-se pensar as atividades propostas pelos professores, uma vez que com tantas adversidades, estas precisavam ser um tanto atrativas, e com isso, favorecer um maior envolvimento dos alunos. Na realidade do Curso de Letras, Campus Araguaína, notamos que os estudantes foram avaliados de maneiras diferentes, isto é, buscando contemplar as diferentes formas de interação e produção dos alunos. Neste sentido, foram realizadas atividades em que os alunos podiam gravar vídeos de si próprios para falar do conteúdo, bem como participação em fóruns de salas de aulas virtuais, entre outros. Tratavam-se de metodologias inovadoras ao que usualmente vinham sendo realizados em nossa formação no Curso de Letras, e que, para alguns, constituiu-se em fator de grande desafio, tanto pela falta de recursos disponíveis, quanto pela falta de habilidade e ou segurança de se expor mais intensamente na elaboração de conteúdos mais individuais, com áudios e imagens.

Lima (2020 p.69), comenta “ao criar estratégias de engajamento tanto para atividades síncronas, quanto para assíncronas, o educador busca intercalar as estratégias de ensino-aprendizagem”. Todas essas formas de ensino e aprendizagem vieram como um suporte diante dos eventos em que ninguém estava preparado de fato. Lima ainda afirma que “a proposta é diversificar as estratégias de ensino com as atividades assíncronas, além dos artigos tradicionais e livros indicados como referências bibliográficas, utilize vídeos, músicas, peças, filmes, podcasts” (LIMA, 2020 p.69). Todas essas atividades diversificadas contribuem para o engajamento dos alunos entre si e também com os professores, dinamizando o tempo e a forma como estão aprendendo.

Souza e Miranda (2020, p. 83) ressaltam que:

Na sala de aula presencial há maior suporte e contato direto com o professor. Além disso, é necessário ressaltar que nem todos os conteúdos, dadas as suas especificidades, se adequam satisfatoriamente, ao ensino remoto.

Analisando as falas de Souza e Miranda (2020), observamos o quanto é dificultoso esse processo de adaptação, pois torna-se necessário redirecionar um conjunto de elementos, dentre eles, a didática, para conseguir ter uma aula satisfatória, o que muitas vezes acarreta um esforço maior ao professor. É notório que toda essa mudança acaba afetando alunos e professores, que mediante a configuração de uma nova realidade

educacional, passam a enfrentar ainda mais desafios no processo de ensino - aprendizagem.

Outra questão identificada nesse contexto e que, por vezes, destacada como implicador no processo de aprendizagem, foi o fator econômico. Isto é, as dificuldades financeiras enfrentadas pela maioria dos alunos, sobretudo, durante o período de isolamento social, o que também interferia diretamente no maior envolvimento e participação ativa dos alunos nas aulas remotas, uma vez que alguns perderam seus empregos e ou fontes de renda, passando a lidar com condições financeiras bastante difíceis, inclusive para garantir sua alimentação diária. Mesmo sem o contato físico, pudemos acompanhar muitos casos de colegas e conhecidos que precisaram abandonar o curso por falta de condições, outros foram ajudados por familiares e colegas para não desistirem, sobretudo, aqueles que estavam em fase de conclusão do curso.

De forma muito recorrente, ouvíamos dos alunos do Curso de Letras, da UFNT, reclamações sobre as dificuldades enfrentadas, como: acesso à internet, não possuem aparelhos adequados, baixarem determinados aplicativos e assistirem as aulas remotas, problemas familiares, desemprego, etc. Foi um período de muito sofrimento e também de muitas dificuldades, gerando medo, desafios e prejuízos que, em nossa análise, não podem jamais ser mensurados, pois cada sujeito, teve e ainda tem, uma relação particular com a pandemia e com o vírus da COVID 19.

Na sequência de nosso estudo, na próxima seção, buscamos analisar como o ensino remoto se deu no ensino superior e seus principais desafios.

3.1 ENSINO REMOTO NA UNIVERSIDADE

A pandemia da Covid 19, afetou todos os setores da educação e nas universidades não foi diferente. Tudo o que afetou o ensino básico também chegou ao ensino superior. O MEC, juntamente com o Conselho Nacional de Educação-CNE, por meio da Portaria nº345/2020, autorizou a realização de atividades não presenciais no ensino superior, com o intuito de diminuir os impactos em relação a formação de diversas áreas.

Segundo Ribeiro e Villaça (2016), no final da década passada ocorreu um grande “boom” de cursos superiores a distância com um número crescente de universidades ofertando cursos nesse formato, processo este que ocorreu em decorrência da intensidade em que aparelhos eletrônicos se tornaram cada vez mais presente, criando assim um ambiente propício para expandir a educação a distância.

De acordo com BNCC (2018), o ensino a distância é:

Educação a distância é a modalidade educacional na qual alunos e professores estão separados, física ou temporalmente e, por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação. Essa modalidade é regulada por uma legislação específica e pode ser implantada na educação básica (educação de jovens e adultos, educação profissional técnica de nível médio) e na educação superior.

Vale ressaltar, que o ensino remoto funciona na mesma dinâmica presente na EAD, visto que o período remoto foi algo emergencialmente criado para o período da pandemia. As autoras Joye; Moreira e Rocha (2016), reiteram que, o ensino remoto que foi lançado, em prática, na pandemia, tornando-se semelhante a EAD apenas no referido uso da tecnologia para mediar as aulas, já que no ensino remoto eram usadas as mesmas práticas tradicionalmente usadas em sala de aula, só que agora migradas para o formato digital, assim, o termo remoto trata-se da mudança de espaços que as aulas tomaram.

As referidas autoras ainda nos trazem outro fator que distingue a EAD do ensino remoto, que é o fato de que a educação à distância vem sendo estudada há tempos, e está consolidada na legislação, além do que os professores tem a formação voltada para o ensino digital e as aulas passam por uma série de processos e mecanismos especializados para uma melhor qualidade das aulas, até chegarem aos alunos, enquanto o ensino emergencial foi pouco estudado, não dando aos professores suporte necessário para uma melhor especialização e realização das atividades necessárias.

Por mais que os alunos do ensino superior tenham uma afinidade a mais com as ferramentas digitais, existem as exceções, visto que, inúmeras pessoas relataram problemas no acesso às plataformas disponibilizadas pelos professores. Não só a conexão com plataformas gerou dificuldades, em alguns casos, percebemos que a confirmação de um simples e-mail se transformava em um grande problema. Nesse contexto, pudemos perceber que, em alguns casos, os alunos não tinham sequer o conhecimento do próprio e-mail institucional, que é gerado assim que aluno ingressa na universidade.

Desde o início da pandemia, notamos a grande relevância das universidades, no sentido de contribuir para o desenvolvimento de estudos e pesquisas que favoreçam o controle e erradicação do vírus da COVID 19, divulgando inúmeras informações a respeito do novo Corona vírus, o que reforça ainda mais, diante da sociedade, sua importância e credibilidade, muitas vezes retribuindo mais do que o esperado, sabendo dos poucos recursos públicos que lhes são investidos.

Então, sabendo do importante papel das universidades, era de se esperar que, o corpo docente se adequasse às medidas de proteção contra o vírus, contribuindo com as informações sobre isolamento social, sabendo o quão isso era importante para a segurança dos alunos e funcionários. O distanciamento ocorreu em meados de março de 2020, pouco depois de ser decretado a pandemia pela OMS.

As presenciais foram suspensas por um tempo, enquanto o COVID 19 se espalhava pelo mundo. As universidades realizaram pesquisas com os alunos, para entender a situação de cada sujeito. Com as discussões a respeito da volta as aulas de forma online, foi realizada uma pausa significativa, que durou em torno de seis meses. Depois desse período novas discussões vieram à tona. Depois de muitas análises, o MEC declarou que as aulas nas universidades poderiam ser retomadas por meio de plataformas digitais, com a carga horária reduzida e períodos mais curtos, para que pudéssemos concluir os três semestres em período de um ano, visando diminuir o atraso nas formações.

No caso específico do curso de Letras, Campus Araguaína-TO, percebemos que a decisão de continuar as aulas dividiu opiniões, uma parte se animou com a volta às aulas, mesmo que de forma online, outros se sentiram prejudicados, visto que, muitos não tinham como se adequarem ao ensino remoto, alguns por não possuírem aparelhos eletrônicos, outros por não terem uma internet de qualidade etc. Ainda teve parte do alunado que não conseguiram se adequar ao ensino remoto, devido a sua vida pessoal, como trabalho e obrigações indispensáveis com suas famílias. Diante da sobrecarga de terem que realizar várias funções ao mesmo tempo, acabaram trancando o curso o que foi um dos motivos da evasão durante a pandemia, Que de acordo com o relatório do curso de Letras, no primeiro semestre de 2020, a evasão 29,15%, e no segundo semestre foi de 28,74%

Na seção seguinte, analisamos alguns desafios encontrados, pelos professores, no desenvolvimento do ensino remoto.

3.2 PROFESSORES FRENTE AOS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO

"Como professor crítico, sou um "aventureiro" responsável, predisposto a mudança, à aceitação do diferente. Nada que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se". (FREIRE, 1996. p. 26). Iniciamos esta seção partindo do pensamento de Paulo Freire, já que não somente para os alunos o ensino remoto foi

uma novidade, mas para os professores também que, durante esse processo, tiveram que aprender a lidar com o “novo” e aceitar o diferente, no processo ensino aprendizagem, aventurando-se em novo modelo de sala de aula e prática de ensino.

Com a nova realidade, o debate entre professor e aluno era indispensável, na discussão dos conteúdos, com a participação dos alunos muitas dúvidas eram sanadas e, dessa forma, os professores também mostravam-se mais otimistas em relação ao processo educacional, ainda em construção. Sabemos que a ação do professor, juntamente a outros fatores, tais como políticas públicas, infra estrutura, equipamentos, recursos didáticos e tecnológicos etc., é fundamental para a construção de conhecimentos sólidos e de uma formação de qualidade. Todavia, a desvalorização, desse profissional, é evidente em diversos fatores, como salários baixos, falta de políticas de formação continuada e incentivo à qualificação, além do fato de muitas vezes levarem a culpa pela não aprendizagem dos alunos.

No período do ensino remoto, pudemos perceber que tal desvalorização mais uma vez foi colocada em xeque, já que em alguns casos, não havia o reconhecimento do esforço por eles realizados. É necessário lembrarmos que, assim como para o aluno, alguns professores também precisaram aprender a usar os novos recursos necessários ao desenvolvimento das aulas remotas, e não apenas usar, mas ensinar outras pessoas a utilizarem esses recursos, para realizarem as diversas atividades propostas.

O professor, desvalorizado socialmente, economicamente e politicamente, é colocado à prova e se vê diante de um novo desafio, diferente de todos os outros encontrados em sua carreira. Acostumado a lecionar para turmas lotadas e à falta de estrutura e materiais para executar plenamente o seu trabalho, é obrigado a se reinventar, como se já não o fizesse a cada aula que ministra. (SOUZA; MIRANDA, 2020, p.83).

Como foi citado acima, reinvenção já é algo que o professor faz todos os dias, com a sua grande carga horária, saindo de uma sala de aula lotada para entrar em outra, e cada uma tem suas especificidades, algumas vezes buscando se comunicar com cada aluno de forma diferente, já que o modo de aprendizagem dos sujeitos não é uniforme, padronizado, como pudemos perceber nas aulas de estágio escolar. Com isso, notamos o quanto importante é a docência, na formação do sujeito social, pois muitas vezes, este profissional supera seus limites para dar aos alunos melhores possibilidades de aprender, de conhecer e avançar na construção do conhecimento.

Todas as dificuldades e anseios, já destacadas aqui, anteriormente, desenvolvidas durante a pandemia da COVID 19, também afetou a vida dos professores, que precisaram lidar com sua vida pessoal, e com a vida de outras centenas de pessoas, com diferentes necessidades e condições. Mesmo carregando muitas preocupações sobre os ombros, ao abrir a câmera, estavam com aquele ar acolhedor, de alguma forma, buscavam nos animar e nos motivar a aprendizagens mais significativas.

Por vezes, ouvimos professores falarem que as aulas online causavam certa angústia, porque nela ninguém tinha a certeza de que estava sendo ouvido. Em muitos momentos, professores pediam um retorno para terem certeza de não estarem falando sozinhos, sem falar na dificuldade em se adaptarem aos novos modelos inseridos. Por isso os professores tiveram um desafio a mais: além de planejar as aulas, os professores também tinham o trabalho de aprenderem a se familiarizarem com as ferramentas digitais para realizarem suas aulas e demais atividades.

Ao analisar a conjuntura do ensino remoto, durante a pandemia do COVID 19, Valente (et al, 2020, p. 7), destaca tratar-se de uma realidade bastante complexa e desafiadora, pois:

[...] a grande maioria dos alunos é jovem e domina com facilidade o uso de tecnologias digitais enquanto, para muitos docentes, tem sido um exercício árduo, que causa muita ansiedade nessa fase de adaptação. Mas, de certo, o mundo tecnológico, tão rico em estratégias e ferramentas, é bastante apropriado para realização do ensino remoto e do processo de avaliação dos alunos.

Uma questão importante, que podemos observar nas considerações do autor, é a “facilidade” que a grande maioria dos alunos têm em utilizar as tecnologias, em detrimento à muitos docentes. Esta situação também foi observada em nossa realidade, no curso de Letras da UFNT, onde pudemos observar o quão difícil foi, para alguns docentes, a utilização dos recursos tecnológicos durante as aulas remotas.

O ensino remoto emergencial foi, então, um processo de aprendizagem não só dos alunos, como dos professores, que, em poucos dias, tiveram que aprender a manusear vários instrumentos. Depois de aprender a manusear as ferramentas digitais, os docentes criavam estratégias para fixar o conteúdo que era entregue aos alunos, formulando trabalhos criativos que despertassem a curiosidade dos alunos.

A atuação do professor, seja ela em que ambiente aconteça, é sempre um desafio. A sala de aula convencional pode ser comparada a um campo de futebol onde as equipes de jogadores, técnicos e juizes serão sempre surpreendidas com situações inesperadas e desafiadas a propor soluções. Da mesma forma é o ensino remoto. A tática do jogo [estratégias e métodos] será

diferente, mas os componentes curriculares, os conteúdos, a avaliação e a interação entre as pessoas estarão presentes igualmente. (GARCIA et al, 2020, p.8)

A partir do excerto, podemos observar a importância de um bom planejamento, pois, ao se planejar, o professor pode se preparar para inúmeros debates, uma vez que, por mais que estejam sendo formulado de maneira diferente, os conteúdos são os mesmos que antes, então, é fundamental que se construa uma boa metodologia na hora de ministrar tanto as aulas presenciais quanto as remotas. A citação a seguir traz à luz, como uma boa metodologia de ensino ajuda na forma como os alunos aprendem, tornando-os seres pensantes e não apenas receptores de conteúdo.

A ideia é de que, ensinar hoje consiste considerar a aquisição de conteúdos e as capacidades de pensar como dois processos articulados entre si. Nesse sentido, a metodologia de ensino, mais do que recorrer a técnicas de ensino, consiste em saber como ajudamos o aluno a pensar com os instrumentos conceituais e os processos de investigação da ciência ensinada. A questão não é apenas a de “passar” conteúdo, mas de ajudar os alunos a pensar como o modo próprio de pensar, de raciocinar e de atuar da ciência ensinada. (LIBANEO, 2009, p.10)

Podem se passar anos, mas o papel do professor, apesar de transformador, sempre será desafiador, porque, a cada novo passo da educação, a forma como se dá aula vai se modificando. E, muitas vezes, as instituições não asseguram uma boa formação continuada visando a atualização das formas de ensinar em diferentes contextos. Novas formas de ensino e aprendizagem são reformuladas, a educação se modificou e se modificará ainda mais, e a tecnologia será fundamental nesse processo de modernização da sala de aula.

De acordo com Freire (1996, p. 13), “Quem forma se forma e reforma e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” Diante das palavras de Freire, podemos notar que em meio ao ensino remoto, os professores, mesmo com todas as dificuldades puderam aprender coisas novas, em razão de estarmos em um cenário totalmente desconhecido, assim, realizaram o ato de formar pessoas em meios a acontecimentos difíceis, e ao mesmo tempo estavam reformando seus métodos, técnicas e práxis educativas, pois ainda de acordo com esse mesmo autor, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996. p.13). Podemos, então, inferir que o ensino remoto foi um momento que nos deu a possibilidade de novas aprendizagens, começando pelos docentes que, em meio ao caos, foram criando estratégias que se adequassem àquela

realidade, já que mesmo diante deste inédito evento, continuaram realizando diversas atividades.

Nessa linha de raciocínio, Freire (1996, p. 21) afirma: “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática.” Em Concordância com as palavras de Freire, entendemos que o ato da docência é um processo de continuidade, onde percebemos a importância da formação contínua. É de grande importância que os educadores façam a reflexão de sua prática, já que a sociedade está em constante mudanças, e essas mudanças afetam diretamente a educação.

Na seção seguinte, tratamos de como se deu o Estágio Supervisionado obrigatório, no Curso de Letras, Campus Araguaína, durante a período de aulas remotas. O estágio supervisionado é uma das principais etapas da licenciatura, contudo, se não for bem trabalhado pode gerar traumas e até mesmo desmotivação, aos futuros professores, considerando tratar-se de um momento importante de conhecimento da realidade escolar e da prática de ensino.

3.3 ENSINO REMOTO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Para os alunos de licenciatura, o estágio supervisionado obrigatório é umas das mais importantes etapas para a formação docente, pois contribui para a construção da identidade docente a partir da experiência da prática de ensino, no contexto da sala de aula. É nesse momento da formação que os discentes colocam em prática o aprendizado que tiveram ao longo da graduação.

Durante o período de observação, nos momentos de nosso estágio, pudemos analisar o funcionamento das aulas, a prática utilizada pelos professores e, além de tudo, tentar nos inserir naquele espaço. Com a parte prática dos estágios, nos aprofundamos, ainda mais nessa realidade, visto que é o momento mais próximo da experiência de ser professor, porque, além das aulas ministradas, compartilhamos aprendizados com os professores regentes, participamos de forma mais ativa do cotidiano dos alunos, lidando, também, com as dificuldades mais corriqueiras do dia a dia dentro da escola. A seguir trarei relatos obtidos na experiência do estágio remoto, durante a pandemia (ALMEIDA, RELATÓRIO DE ESTÁGIO I, 2021): p.17

A experiência obtida no Estágio foi algo muito tocante, ficar por dentro de uma nova forma de gerar conteúdo em um momento tão difícil, até porque os alunos estão afastados da sala de aula, mas não da educação. Mesmo não estando na parte física da escola foi possível tentar entender as dificuldades e as vitórias

obtidas, até porque nós estagiários também somos alunos e sentimos na pele os impactos das aulas remotas.

Durante a realização dos estágios, o aluno de licenciatura procura fazer parte do espaço escolar no qual está inserido, criando o senso crítico a respeito do processo ensino aprendizagem. Uma vez que, nesses momentos, o acadêmico consegue apreender a realidade educacional com mais clareza e, com isso, analisar a relação teoria prática com maior discernimento. Desta forma, o acadêmico não apenas reconhece o espaço no qual irá trabalhar, como também identifica, ou não, sua afinidade com a área educacional. Pimenta e Lima (2006, p. 6), discorrem que:

O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria. Não é raro ouvir-se dos alunos que concluem seus cursos se referirem a estes como ‘teóricos’, que a profissão se aprende ‘na prática’, que certos professores e disciplinas são por demais ‘teóricos’. Que ‘na prática a teoria é outra’.

Partindo do pensamento das autoras, muitos estudantes entendem que a profissão docente se aprende na prática, podemos perceber o quanto os estágios obrigatórios são necessários e relevantes nas licenciaturas. Por termos, durante o curso, muitas horas dedicadas a eles, 105 horas destinadas a cada Estágio, desde o I ao IV, totalizando 420 horas, eles tornam-se fundamentais como experiência para a formação docente, pois é o momento em que o estudante da licenciatura possui contato com a realidade trabalhista da profissão, podendo, entender melhor as adversidades que fazem parte das experiências de salas de aula, mas resta lembrar que cada turma e ambiente de ensino possui sua particularidade.

Quando há narrativas que consideram o estágio como processo formativo e decisório para a continuidade da carreira docente, é importante compreender que, para o estagiário, experimentar o cotidiano escolar, observando os conflitos entre professores e alunos, problematizando e refletindo sobre as práticas pedagógicas, teorizando as concepções sobre ensino-aprendizagem, imprime nesses sujeitos novos sentidos sobre a docência, movimento que contribuirá na sua construção indelével. (FERRAZ, FERREIRA; 2021, p.14)

A prática nos possibilita reconhecer as outras etapas necessárias do desenvolvimento da profissão. É necessário mencionar que, antes de se direcionar à sala de aula, o educador precisa pensar nos instrumentos que serão utilizados para a constituição de sua regência. Portanto, o planejamento surge como um momento anterior e imprescindível para a prática. Pimenta e Lima, (2006). Assim, a segurança de que o processo de ensino vai se consolidar como parte desse instante primeiro, o qual, também, postula a possibilidade de aguçar a imaginação estudantil por meio do senso crítico.

Sabendo da importância dos estágios para a formação docente, podemos entender que nós vivenciamos momentos complicados na universidade. Apesar do ensino remoto ter sido necessário para dar continuidade às aulas em período de pandemia, os estudantes tiveram muitos prejuízos. Sabendo que, o campo de estágio dos alunos de licenciatura é a escola, nos vimos em um impasse em relação à sua realização. Com o ensino remoto, surgiram inúmeros desafios, e a realização dos estágios foi um deles, visto que era necessária a prática em sala de aula, que foi impossibilitada pelo distanciamento social.

Para minimizar a perda, os professores procuraram criar estratégias mediadas pela tecnologia para suprir essa falta. Por meio de muito diálogo e parcerias, os professores das escolas disponibilizaram, aos estagiários, os materiais e as ferramentas que os mesmos utilizavam para ministrar suas aulas, visto que os estagiários teriam que dar continuidade aos conteúdos propostos pelos professores regentes.

Uma boa colaboração entre as escolas e as universidades propiciou que, mesmo de forma remota, os discentes de licenciatura tivessem a oportunidade de se inserirem no convívio educacional, ainda que a distância. Por mais que não fosse possível o acesso à sala de aula presencial, as experiências do estágio remoto abrem novas possibilidades para os estagiários, uma delas é reconhecer o papel das ferramentas digitais dentro de contextos atípicos, levando-nos a refletir sobre sua importância, não que elas possam substituir as aulas presenciais, mas que é possível ensinar de inúmeras formas.

À educação, a tecnologia se faz necessária para subsidiar o professor em ações estratégicas e práticas inovadoras, principalmente, quando coloca o estudante como protagonista no processo de aprendizagem e possibilita a reflexão e o diálogo entre os pares e o professor (MONTEIRO; NANTES; 2021, p. 6).

Como foi possível observar na fala dos autores, a tecnologia se torna uma auxiliadora na criação de estratégias, pois, necessariamente, precisamos de meios tecnológicos que auxiliem na construção de uma sala de aula inovadora, e no ensino remoto essa necessidade foi potencializada de forma significativa.

No momento do estágio, novamente nos deparamos com as carências tanto das escolas, como também dos discentes, em relação ao acesso às tecnologias. Mas, se torna necessário a indagação sobre a utilização dos meios de comunicação, porque não basta ter, deve ser usado de forma compatível com a aprendizagem dos alunos. Como vimos na fala de Monteiro e Nantes (2021), a criação de estratégias inovadoras mediadas pela tecnologia acontece quando se colocam os estudantes como protagonistas no processo de ensino e aprendizagem. A esse respeito, Ponte (2000, p. 73), ressalta:

As novas tecnologias surgem aqui como instrumentos para serem usados livre e criativamente por professores e alunos, na realização das atividades mais diversas. Esta perspectiva é, de longe, mais interessante que as anteriores na medida em que pode ser enquadrada numa lógica de trabalho de projeto, possibilitando um claro protagonismo do aluno na aprendizagem.

Dentro do contexto pandêmico, foi possível perceber que, de um certo modo, é possível um ensino viabilizado pelas tecnologias, posto que, de uma hora para a outra, professores introduziram nos seus planejamentos, as ferramentas digitais, muitos deles sem nenhum preparo, visto que, em muitas escolas, as tecnologias não entram nas salas de aula nem como apoio pedagógico.

Não tem como transferir totalmente as técnicas de ensino comumente utilizadas nas aulas presenciais para as aulas remotas, são formas diferentes, mas não era o que se via, sabendo, que muitos professores da educação básica não tiveram, durante a realização de suas formações na universidade, estudos especificamente voltados para o uso de ferramentas digitais. Nem mesmo depois da graduação, não realizaram cursos de formação continuada para o aperfeiçoamento dessas atividades, o que ficou evidente durante o ensino remoto.

Nos estágios de observação, por exemplo, que é o momento em que os alunos de licenciatura observam as aulas dos professores, a fim de criarem familiaridades com o ato de dar aula, durante o período do no ensino remoto, não foi possível estarmos presentes nos espaços físicos, o que em nossa análise, interferiu significativamente no conhecimento não apenas do espaço escolar, por sua vez necessário, mas, sobretudo, por não termos vivenciado a realidade da sala de aula, em suas características e necessidades particulares.

Os estágios no ensino remoto, também, evidenciaram muitas outras deformidades no que diz respeito ao acesso dos alunos, tanto nas escolas como nas universidades, no que diz respeito às tecnologias:

Ao analisar as aulas gravadas pela professora, pude notar que elas têm muito em comum, sempre ao começar a aula ela dá um breve resumo conceituando o conteúdo, em seguida sempre dá exemplos, não há nada de errado em planejar uma aula seguindo esse roteiro desde que não fique condicionada a um só elemento como a leitura. (ALMEIDA, RELATÓRIO DE ESTÁGIO I, 2021 p. 11)

Durante o estágio, percebemos que as aulas, gravadas pela, eram de conteúdos diferentes, mas com as mesmas formas, o que para nós evidencia certa falta de familiaridade com as ferramentas digitais, que foram introduzidas para a continuidade das

aulas. Alguns professores levarem para as aulas online as mesmas metodologias utilizadas nas aulas presenciais.

De acordo com a fala da professora observada no estágio, as aulas eram gravadas em casa, com seus próprios recursos, tendo em vista a escola não ter disponibilizado o suporte técnico e pedagógico para a realização das atividades remotas.

A aula foi gravada na casa da professora com seus próprios recursos, durante a aula a professora fazia uso de fones de ouvidos, talvez por esse motivo o áudio estava um pouco baixo, mas isso é natural quando não se tem equipamentos de qualidade destinados para aquela função, e as aulas não são gravadas em lugar destinados somente para aquela atividade. (ALMEIDA, RELATÓRIO DE ESTÁGIO I, 2021. p.7)

Como podemos perceber, as aulas, durante o ensino remoto, não tiveram a garantia de infraestrutura adequada para suas realizações, já que as mesmas eram realizadas nas residências dos professores, de acordo com o que era possível para cada professor, tanto em relação ao espaço físico, quanto aos aparelhos, acesso à internet etc.

Na escola, pudemos notar que nem todos os alunos se adequaram à modalidade, por, muitas vezes, não terem acesso à internet e a aparelhos adequados ao acompanhamento das aulas. Alguns alunos possuíam celular, mas não conseguiam baixar determinados aplicativos, necessários ao desenvolvimento das atividades; outros não tinham internet em casa e precisam se deslocar para outros espaços para obterem o sinal da internet. Também foi possível identificar casos mais extremos, colegas que não possuíam nem celular e nem internet, o que tornava o ensino remoto ainda mais difícil para alguns.

Contudo, faz-se necessário destacar a disposição e compreensão dos docentes do curso de Letras em entender as diferentes necessidades apresentadas pelos alunos, nos momentos das aulas remotas, havendo por parte dos docentes, flexibilidade e acolhimento que contribuíram de forma relevante para que muitos alunos continuassem no curso.

No caso do curso de Letras Araguaína-TO, percebemos que em muitas escolas estaduais não foi possível, por exemplo, o ensino mediado pelas ferramentas digitais pois, além de não terem acesso à internet, não tinham os aparelhos responsáveis para a sua utilização. Os discentes das universidades também foram afetados por esse problema e, em virtude disso, muitos tiveram que trancar o curso durante a pandemia.

Com esses acontecimentos, podemos perceber o quanto o processo investigativo dos estágios é importante para os discentes das licenciaturas, porque, por mais que não tenha acontecido de forma presencial, o estágio serviu para que outros fatores fossem analisados, principalmente as desigualdades em razão da não acessibilidade de todos aos mecanismos de comunicação, conforme podemos observar na citação a seguir:

A insuficiência de políticas públicas de combate às desigualdades sociais que afetam principalmente os grupos historicamente excluídos, tem gerado situações que dificultam o acesso e à permanência no sistema educacional. Na pandemia, a exclusão digital ganhou destaque entre os indicadores da desigualdade social. (VINHAS, SANTOS; 2021, p.241)

Antes da pandemia, existiam estudos voltados para a utilização da tecnologia na educação, só que o cenário pandêmico fez com que, novamente, estudos sobre essa determinada área ganhassem notoriedade. Como muitos estavam com os olhares voltados a isso, foi possível, de acordo com Vinhas e Santos (2021), que a exclusão digital, já que não existem políticas públicas eficientes para implementação da tecnologia para os grupos excluídos, e isso ficou evidente, pois as escolas de regiões rurais e periféricas foram as mais afetadas, e mais do que isso, esses mesmos alunos, muitas vezes, entram em curso de licenciatura e saem sem o conhecimento das tecnologias.

Mesmo que as tecnologias não sejam muito utilizadas dentro dos espaços educacionais, é importante saber utilizá-las, para que, em momentos como a pandemia do COVID 19, os alunos não sofram tanto com a falta de conhecimento dos professores sobre a sua utilização, o que acaba prejudicando a construção de conhecimentos entre professores e alunos.

Nos estágios, por exemplo, os discentes, além das aulas semanais com orientadores de estágio, precisavam ter acesso à internet para poder participar das aulas remotas nas escolas, e, também, para receber outros materiais que estavam presentes nas plataformas. O acesso se dava por meio de links, totalmente voltados para quem realmente tinha acesso à tecnologia. Além dos problemas relacionados ao acesso à internet, alguns acreditavam que os estágios de forma remota não iam ter relevância para a sua aprendizagem docente, assim, houve o trancamento da disciplina, para que posteriormente voltassem a fazer a matéria de forma presencial.

Os que continuaram, cursaram as disciplinas para não ficarem atrasados no curso, visto que são quatro etapas de estágios obrigatórios. Além disso, muitos decidiram aceitar o desafio, porque essa é a realidade dos professores. Na pandemia, por exemplo, eles não

tinham a opção de darem uma pausa e voltar quando tudo se acalmasse, como alunos de licenciatura. Foi muito importante experienciar esse momento da educação, e se tornar parte da história.

Diante disso, Mauad e Freitas (2021) ressaltam que:

A experiência nos estágios remotos para os estudantes proporcionou melhor familiarização com os recursos digitais, além de serem motivados a relacionar seus conhecimentos científicos, tecnológicos e metodológicos durante a realização das atividades, o que sem dúvida proporcionou experiências relevantes para a formação docente nesse momento de pandemia e para momentos posteriores. (MAUAD, FREITAS; 2021, p.20)

Como foi citado pelos autores, os estágios, na pandemia, deram aos estudantes de licenciatura, algo que talvez que não tivessem de forma presencial, como, por exemplo, criar estratégias com metodologias que funcionem no modo digital, para que, futuramente, os meios tecnológicos façam parte do cotidiano escolar. Temos a esperança de que políticas públicas voltadas para o aperfeiçoamento do ensino mediado por tecnologia existam e funcionem de forma que os alunos, tanto das escolas quanto das universidades, tenham acesso ao que a tecnologia nos permite.

Mesmo com inúmeros desafios, os Estagiários Supervisionados ainda puderam, através do estágio remoto, analisar os fatores além das aulas, é o que mostram os autores a seguir:

Um outro ponto positivo percebido a partir das narrativas dos estudantes é que houve uma reflexão sobre as realidades encontradas nos locais de estágio, mesmo que realizados à distância, principalmente no que tange ao acesso as mídias digitais pelos estudantes das escolas, à formação continuada dos profissionais da educação e às novas metodologias pedagógicas ancoradas nas TDCIs. (MAUAD, FREITAS; 2021, p.21)

O acesso às mídias, como destacaram os autores, foi um dos problemas vistos pelos estagiários. Posto que as aulas aconteciam à distância, o acesso a mídias digitais era vital para o andamento das mesmas. Mas, em relação aos professores, não bastava ter acesso às mídias, eles tiveram que saber utilizá-las em função dos aprendizados dos alunos, por isso a ressaltarmos a importância da formação continuada para professores da educação básica.

Mauad e Freitas (2021, p. 22), apresentam, uma forma positiva de ver o estágio remoto:

Mesmo impossibilitados de ir à escola houve um aprofundamento teórico e a vivência de práticas únicas em seus estágios, originando assim uma nova práxis e um novo saber docente. O saber é resultado de uma produção social e

está sujeito a revisões e reavaliações partir da prática pedagógica reflexiva e investigativa, que é feita a parti da relação que cada sujeito constrói com a realidade e com problematização que é capaz de fazer sobre ela.

Os autores acima citados evidenciam que os aprendizados obtidos pelos estagiários no ensino remoto deram aos discentes outras possibilidades de enxergarem a realidade da educação, gerando, assim, a criação de uma nova práxis, de um novo fazer docente. Pensando nisso, podemos observar que o ensino remoto deu lugar a novas formas de exercer a docência, adotando métodos que deem certo no cenário digital e que realmente possam funcionar, propiciando aos alunos, uma nova sala de aula, sem prejuízos de aprendizagem.

Não podemos deixar de salientar que há muito se pensa na educação da era digital, mas o ensino remoto aconteceu de forma que não deu tempo para uma melhor preparação e as estratégias adotadas foram pensadas rapidamente, não havendo tempo para um estudo mais aprofundado.

Ferraz e Ferreira (2021 p.9) afirmam que o “ensino remoto fomenta um processo de ressignificação”. Partindo desse pensamento, percebemos que o ensino remoto emergencial realmente veio para dar outro significado à forma como pensamos a educação, dando um novo olhar, mudando radicalmente as visões pedagógicas e abrindo espaço para novos estudos com base nas tecnologias, o que futuramente poderemos analisar como o ponto de partida para novas pesquisas que ajudem a educação a se aprimorar à medida que as mídias tecnológicas evoluírem.

Assim, compreendemos que os estágios de forma remota contribuíram para que os estagiários percebessem que o ensino remoto contribuiu para potencializar a vivência da etnografia em ambiente virtual.

Albuquerque, Gonçalves e Bandeira (2020, p.105), salientam que:

A formação do professor passa a se configurar a partir do século XXI, com novos desafios em face das mudanças significativas pelas quais a sociedade passa, o que gera a necessidade de uma nova leitura do mundo e da condição humana, a fim de se poder compreender a dinâmica sócio-política-cultural-econômica e tecnológica da sociedade contemporânea.

Partindo desse pensamento, analisamos o papel social do professor, que vem mudando a cada dia, em detrimento das séries de mudanças que vêm ocorrendo após a virada do século. A sociedade mudou de forma significativa, reconfigurando os âmbitos sociais. A formação do professor no ensino remoto também passou a se (re)configurar,

visto que o papel do professor durante a pandemia foi fundamental para a continuação do ensino, seja ele mediado pelas tecnologias ou não.

Com essas análises, ressaltamos que, de forma alguma, neste trabalho, tivemos a intenção de considerar os estágios e as aulas durante o período de ensino remoto, melhores do que de modo presencial. Ao contrário disso, nossa intenção foi analisar a experiência do ensino remoto, tendo como foco principal a utilização dos recursos tecnológicos no processo de ensino - aprendizagem. Para isso, situamos nossas experiências, como aluna do curso de Letras da UFNT, Campus Araguaína-TO, por entendermos tratar-se de importantes registros acerca do contexto estudado nesta pesquisa.

Acreditamos que as análises realizadas neste texto irão ajudar na formação de alunos e professores que identificam a necessidade de políticas voltadas ao ensino mediado por tecnologias, assim como aos alunos que fizeram parte desse processo que, a partir de suas experiências no ensino remoto, passaram a construir uma nova relação com as ferramentas digitais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, tivemos como objetivo analisar como aconteceu o processo de ensino - aprendizagem durante o ensino remoto mediado pelas tecnologias. Mesmo as aulas acontecendo de forma digital, pudemos identificar algumas dificuldades, tanto na utilização quanto, também, na dificuldade de aprendizado com as aulas de forma remota.

Por mais que, ao longo dos anos, muitos estudos tenham apresentado pesquisas que nos ajudam a entender a importância das ferramentas digitais para educação, foi possível perceber que muitos estavam despreparados para fazer uso de tais recursos, visto que dificuldades, como: não ter experiência em seu manuseio, não ter acesso às tecnologias, que foi um dos principais problemas da inserção das tecnologias no ensino remoto, foi algo muito presente nos dados obtidos em nossa pesquisa teórica e no cotidiano do curso de Letras da UFNT, campus Araguaína.

Não só os alunos, mas os professores também encontraram dificuldades neste processo, pois o que antes era usado como apoio pedagógico, se transformou na única alternativa para continuar exercendo seu trabalho, tendo que reaprender novamente técnicas significativas para sustentar a permanência dos alunos. Isso nos levou a entender que, se tratando de tecnologia, não basta ter o acesso, precisamos criar alternativas as

aulas sob o viés digital e que consiga alcançar as metas de ensino, como nas aulas presenciais.

Pudemos perceber que a tecnologia não deve ser utilizada apenas como um suporte digital nas aulas, pois esse recurso vai muito além. A tecnologia pode ser usada de diversas formas, crianças e jovens são naturalmente atraídos pelas ferramentas digitais, e conseguir aliar as tecnologias às modalidades de ensino presencial pode alcançar objetivos inimagináveis, atraindo, cada vez mais, a atenção dos alunos.

Nos cursos de licenciatura, é fundamental que os discentes possam ter acesso a conteúdo que os ajudem na formação docente com base nas tecnologias, e o ensino remoto mostrou o quanto é deficiente a formação de inúmeros profissionais na educação. Por isso a importância da formação continuada em que, futuramente, a tecnologia possa fazer parte do cotidiano das aulas.

Apesar da tecnologia fazer parte da nossa cultura, ela ainda não é acessível a todos. Por isso, ao longo desse trabalho, percebemos a importância da criação de políticas públicas educacionais que garantam o acesso pleno das tecnologias de informação e comunicação, pois, para que a educação caminhe, é preciso que todos, de forma igualitária, tenham acesso a recursos que tornem melhor a sua e vida e seus aprendizados.

Nos estágios que aconteceram durante o ensino remoto ensino remoto, como foi visto nesta a pesquisa, apesar dos prejuízos, pode ter contribuído com a formação de novos professores que compreenderam a importância de estarmos preparados para situações adversas, e abertos a lidar com as dificuldades. É preciso, indispensavelmente, que o professor conheça e tenha o domínio das ferramentas digitais, sabendo utilizar os recursos, adequando-se à faixa etária dos alunos, e ao local onde estão inseridos. Para tanto, é preciso o aprofundamento de estudos voltados para esse tema, pois a tecnologia evolui a cada dia e a educação não pode ficar no passado.

As dificuldades que tivemos com ensino remoto mostram como o Estado precisa ampliar suas ações em relação à educação pública, e isso ficou evidente durante o período do ensino remoto. Percebemos que as estratégias estabelecidas pelo governo não cobriram as necessidades de todos, principalmente de quem vive em regiões periféricas e na zona rural, que nem acesso à internet tiveram, e foram obrigados a continuarem os estudos por

meio de atividades impressas, sem as orientações dos professores, ou recorreram à interrupção do curso.

Essa falta de investimento na educação também é vista na desvalorização dos professores, que, durante a pandemia da COVID 19, tiveram papéis importantes no processo de ensino e aprendizagem, doando-se ao máximo para que os alunos não fossem prejudicados, criando estratégias para diminuir o impacto do ensino remoto no aprendizado dos alunos e motivando-os à permanecerem nos cursos até a conclusão dos mesmos, o que só nos confirmou a relevância que a docência possui na sociedade e o quanto precisamos desse reconhecimento para avançarmos rumo à uma outra realidade educacional em nosso país.

5. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A.; GONÇALVES, T.; BANDEIRA, M. A formação inicial de professores: os impactos do ensino remoto em contexto de pandemia na região Amazônica. *Revista de Educação a Distância*, V. 7, N. 2, P. 102-123, 2020

ALMEIDA, Amanda Macêdo de Almeida. Relatório de Estágio I. 2021. Relatório Final do Estágio Supervisionado I – Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, 2021.

ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira; VILLAÇA, Márcio Luiz Corrêa Tecnologia, sociedade e educação na era digital [livro eletrônico – Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2016. Disponível em: http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/tecnologia,sociedadeeeducacaonaeradigital_011120181554.pdf. acesso em: 28 de dez.2022.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação Remota: Elementos Para Políticas Públicas Na Educação Brasileira Em Tempos De Covid-19. **Em Rede**. [S.L.]. V.7, N.1, P.257-275. Mai. 2020. Acesso em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 09 de jun. 2022.

BAUMAN, Z. Globalização: as consequências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

Brasil tem média de 77 mortes por Covid; tendência é de estabilidade. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2023/01/27/brasil-tem-media-de-77-mortes-por-covid-tendencia-e-de-estabilidade.ghtml>. Acesso em: 02 de jan. 2023.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. Parâmetros curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

Ferraz, R. D. ., & Ferreira, L. G. (2021). ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: ENTRE A EXPECTATIVA E A RESSIGNIFICAÇÃO. *Revista De Estudos Em Educação E Diversidade - REED*, 2(4), 1-28. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/reed.v2i4.8963> acesso 16 de nov. 2022.

GARCIA, Tânia Cristina Meira et al. Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas. Natal. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29767/1/ENSINO%20REMOTO%20EMERGENCIAL_proposta_de_design_organizacao_aulas.pdf. Acesso em: 07 de jun. 2022.

SILVA, Danielle Gonzaga da; DE LIMA, Luciana. Ensino remoto emergencial sob a perspectiva de estudantes do Ensino Superior. **Revista Educar Mais**, v. 6, p. 326-340, 2022.: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2731>. Acesso em: 3 fev. 2023.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. Distance Education or Emergency Remote Educational Activity: in search of the missing link of school education in times of COVID-19. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 7, p. e521974299, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4299>. Acesso em: 3 fev. 2023.

KENSKI, Vani Moreira. O desafio da educação a distância no Brasil. **Revista Educação em Foco**, v. 7, n. 1, p. 1-13, 2002.

KENSKI, Vani Moreira. O Ensino E Os Recursos Didáticos Em Uma Sociedade Cheia De Tecnologias. Didática: O Ensino E Suas Relações.. **Papiros**. Campinas, 1996.

KOHN, Karen; MORAES, CH de. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. sn, 2007. p. 1-13.

LEITE, Werlayne Stuart Soares; RIBEIRO, Carlos Augusto do Nascimento. A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. 2012.

LIBÂNIO, José Carlos. Conteúdos, formação de competências cognitivas e ensino com pesquisa: unindo ensino e modos de investigação. **Cadernos de Pedagogia Universitária**, v. 10, 2009. Disponível em: <http://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/caderno11.pdf>. Acesso em: 13 de jun. 2022.

LIMA, Maria Janete de. Ensino remoto: aproximações teóricas sobre formação e prática docente. **Revista Internacional de Apoyo a la Inclusión, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad**. Cajazeiras, V 6, n. 3, p.67-73, dez. 2020, Disponível em: <https://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/riai/article/view/5880>. Acesso em: 16 jun. 2022.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 18 de nov. 2022.

MAUAD, Samara; DE FREITAS, Léia Gonçalves. Ensino remoto emergencial e o estágio supervisionado em educação em tempos de pandemia da COVID-19. **Revista De Estudos Em Educação E Diversidade-REED**, v. 2, n. 4, p. 1-27, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8318>. Acesso em: 10 de out. 2022.

MONTEIRO, E. S.; NANTES, E. A. S. O letramento digital como estratégia de ensino aprendizagem no ensino superior, durante o ensino remoto emergencial. *Research, Society and Development*, V. 10, N. 10, P. 1-16, 2021.

MORAN, José Manuel. *Novas Tecnologias E O Ré encantamento Do Mundo. Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro, v. 23, n.126, p.42-, set-out 1995.

O que é Covid-19? Ministério da Saúde – Portal Gov.Br, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 15 de set. 2022.

OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. Organização Pan-Americana da saúde. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 27 de dez. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

PONTE, João Pedro da. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios?. **Revista Iberoamericana de educación**, p. 63-90, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/3993>. Acesso em: 16 de nov.2022.

Portaria nº345 de 19 de março de 2020 – ABMES. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-345-2020-03-19.pdf> .

Relatório do curso de Letras, 2021.

RONDINI, C. A., Pedro, K. M., & dos Santos Duarte, C. (2020). Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. *Educação*, 10(1), 41-57. **Interfaces Científicas**. Aracaju, v.10, n.1, p.41-57. Jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085>. Acesso em: 15 de jun. 2022.

SCHUELER, Paulo. O que é uma pandemia. Bio-Manguinhos/Fiocruz, 2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em 27 de dez. 2022.

SOUZA, Dominique Guimarães de; MIRANDA, Jean Carlos. Desafios da implementação do ensino remoto. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 4, n. 11, p. 81-89, 2020. Disponível em: <http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/38>. Acesso em 02 de jun. 2022.

VALENTE, G. S. C.; MORAES, Érica B. de .; SANCHEZ, M. C. O. .; SOUZA, D. F. de .; PACHECO, M. C. M. D. . Remote teaching in the face of the demands of the pandemic context: Reflections on teaching practice. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e843998153, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153> . Acesso em: 07 jun. 2022.

VASCONCELOS, Ana Paula Martins Farias; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. Prática Docente, Experiência Formadora, Ensino Remoto em Tempos de Covid-19. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021.

VINHAS, Thaís; DOS SANTOS, Lorena Michelle Silva. ESTÁGIO SUPERVISIONADO E ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: quais os desafios para a formação docente?. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, p. 176-189, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/ipa/article/view/36252>. Acesso em: 20 de nov.2022.